

A SAGA DE JUDEUS
NO ESPÍRITO SANTO —
HISTÓRIA E FICCÃO
SE MESCLAM NOS SONHOS
DE NEIDA LÚCIA MORAES
E SAMUEL MACHADO DUARTE¹

THE SAGA OF JEWS
IN ESPIRITO SANTO —
HISTORY AND FICTION MERGE
IN THE DREAMS
OF NEIDA LÚCIA MORAES
AND SAMUEL MACHADO DUARTE

Ester Abreu Vieira de Oliveira*

Resumo: A partir dos romances *À Sombra do Holocausto*, de Neida Lúcia Moraes, e *As Montanhas da Lua*, de Samuel Machado Duarte, escritores capixabas, procuro fazer um breve estudo da identidade e da diferença entre Literatura e História e falar sobre as diásporas judaicas, os percalços desse povo para conservar o seu estilo de vida e religião e, oriundo de Portugal, mencionar a sua presença no Espírito Santo.

Palavras chave: Literatura/História. Saga de Judeus. Espírito Santo. Neida Lúcia. Samuel Duarte.

¹ OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. A saga de judeus no Espírito Santo – História e ficção se mesclam nos sonhos de Neida Lúcia Moraes e Samuel Machado Duarte. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, Vitória, n. 67, p. 143-171, 2012.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Resumen: A partir de las novelas *À Sombra do Holocausto*, de Neida Lúcia Moraes, y *As Montanhas da Lua*, de Samuel Machado Duarte, escritores “capixabas”, busco hacer un breve estudio de la identidad y de la diferencia entre Literatura e Historia y hablar a respecto de las diásporas judaicas, los percances de ese pueblo para conservar su estilo de vida y religión y, oriundo de Portugal, nombrar su presencia en Espírito Santo, oriundo de Portugal.

Palabras clave: Literatura/Historia. Saga de Judíos. Espírito Santo. Neida Lúcia. Samuel Duarte.

Una literatura difiere de otra, ulterior o anterior, menos por el texto que por la manera de ser leída, si me fuera otorgado leer cualquier página actual — ésta, por ejemplo, — como la leerán el año dos mil, yo sabría cómo será la literatura el año dos mil.

Jorge Luis Borges (*Inquisiciones*, p. 158)



Brasil é um país de miscigenação. A sua História oficial faz menção de povos que para aqui vieram, quer sejam os trazidos ou os vindos: europeus (portugueses, espanhóis, alemães, pomeranos, italianos, suíços, belgas, holandeses poloneses) asiáticos (turcos, libaneses, sírios, japoneses, chineses) e africanos.

Na História do Espírito Santo faz-se ligeira menção a essa imigração e se dá mais destaque a imigrantes italianos e alemães. Há romances históricos, ou de leve toque histórico, que acompanham essa relevância. Um exemplo de romances que tratam dessa problemática é *Karina*, de Virgínia Tamanini, que narra a vinda de italianos para Santa Tereza, e outro é *Canaã*, de Graça Aranha, que narra um trágico acontecimento entre famílias alemãs. Porém os escritores Neida Lúcia Moraes e Samuel Machado Duarte, em seus respectivos romances, *À Sombra do Holocausto* (1ª Ed. São Paulo: Lisa Livros, 2010) e *As Montanhas da Lua* (Cachoeiro de Itapemirim: Gracial, 2004, 2 v.), nos apresentam enredos

passados no Espírito Santo, que envolvem imigrantes portugueses de origem judaica².

Sobre essas obras pretendo falar tanto pelo seu valor artístico, quanto pelas etnias que abordam. Se observarmos os livros de História do Brasil, escritos por autores brasileiros, veremos que o assunto de etnias portuguesas ou luso-brasileiras é apresentado de uma maneira superficial, talvez pela proximidade (já que santo de casa não faz milagre) ou por um preconceito de colonialismo. E, quanto ao elemento semita, ignoram o seu caminhar lado a lado no território português, ficando às vezes só alguns apontamentos quanto aos sobrenomes que, por sua raiz, em geral, retirado de um vegetal ou de um instrumento agrícola, podem ser de antepassados judaicos.

Neida Lúcia Moraes (Vitória-ES – 1929), historiadora e romancista, é a segunda mulher a ingressar na AES e a terceira ocupante da Cadeira 19, cujo Patrono é João Motta. Foi professora da UFES, e exerceu cargos de destaque na administração pública, é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e sócia da Sociedade Portuguesa de Estudo do Século XVIII. Entre as suas obras publicadas, algumas de projeção internacional, estão livros sobre a história do Espírito Santo e os romances *Olhos de ver* (1967), *Sete é número ímpar* (1971), *O mofo no pão* (1984) e *À Sombra do Holocausto* (2010).

Samuel Machado Duarte (Atílio Vivacqua-ES – 1934) cirurgião dentista, poeta, cronista, contista e romancista, é o 4º ocupante da Cadeira nº 5 na Academia Espírito-santense de Letras, cujo Patrono é Amâncio Pinto Pereira. É membro efetivo da Academia Cachoeirense de Letras, da Ordem Nacional dos Escritores e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Entre as suas obras estão

² No seu livro infanto-juvenil, o escritor Francisco Aurelio Ribeiro (2009, p. 10) menciona a vinda de judeus da Península Ibérica para o Espírito Santo: "Mas não foram só os portugueses que vieram para o Espírito Santo no início da colonização. Muitos judeus expulsos da Espanha também emigraram para cá, mantendo engenhos de açúcar ou atuando no comércio como Filipe de Guillén, em 1539, e Francisco Espinoza em 1553 [...]".

os romances *Ilha do Fim do Mar*, 1966; *As duas faces de Eros*, 2001, *As Montanhas da Lua*, 2004; e *O Almirante Batavo* (no prelo para lançamento em 2014), esta obra junto com *Ilha do Fim de Mare As duas Faces de Eros*, faz parte da trilogia “Um Homem/ Uma mulher”. Escreveu, ainda, o livro de poemas *O Sino Submerso* (1988) e *Eu Pescador*, o livro de contos *Taperas & Coivaras*, (2010) o de crônicas, *Amor de minha Terra* (inédito), e a obra histórico-etimológica, *O Incalistrado – Topônimos Capixabas de origem Tupi* (2008).

Tanto em *À Sombra do Holocausto* (ASH) como em *As Montanhas da Lua* (AML), daqui para frente assim abreviadas, os autores nos apresentam enredos que recorrem a fatos históricos para enxertá-los em seus romances. Isso me leva a discorrer sobre essas duas ciências: a que pretende ser exata e verídica em seu relato, a História, e a que utiliza o recurso de fingir exatidão dos fatos tomando os dados daquela, a Literatura.

Não falamos aqui de identidade, pois como já disse Aristóteles, as coisas diferentes se diferenciam naquilo que se assemelham em determinado caráter comum. Nada é aniquilado nem sufocado pela humanidade. Mas, como os personagens dessas obras têm ascendência judaica/portuguesa, a título de esclarecimento, falarei do povo judeu em Portugal e no Brasil, direcionando-me para o Espírito Santo. Porém, a coincidência de gênero literário, de abordagem de povos (judaico-português/brasileiro), de vivência maior dos personagens no Espírito Santo e de essas obras fazerem referência à Inquisição e à perseguição do povo judeu me motivaram a fazer a presente leitura.

Ir ao passado é um pensamento moderno que está voltado à preocupação do retorno à origem, ainda que não seja feliz essa volta (confrontem pensamentos de Nietzsche e de Heidegger) se deve a um esforço de o homem encontrar a sua identidade, “a história e o tempo nessa repetição que eles tornam impossível, mas que forçam a pensar e o se ser naquilo mesmo que ele é.” (FOUCAULT, 1966, P. 372). Mas esse homem que o escritor (re)cria não é o mesmo, nem seu

contemporâneo, mas se encontra em seus sonhos e deseja expô-los a um tempo próprio.

As Obras

Neida Lúcia em 33 capítulos de seu romance metaficcional, *ASH* (2010), narra a saga de Nuno, como ocorrida no final do XVII e princípio do XVIII. Trata-se de um jovem panteísta, que amava a natureza em sua beleza e nela via Deus. (p. 222). Para ele Deus era a beleza “o sol, a lua, o vento, a natureza” e tudo o que amava “as águas do rio correndo, os lagos, o mar de Vitória, o verde das matas, os bichos [...]” (p. 23). Por seus pensamentos expostos em lugares públicos e pelas murmurações que provocavam na vizinhança, Nuno foi, muitas vezes, advertido pelo Padre Albino, o pároco da vila, para que evitasse suas atitudes contestadoras a fim de não chegar esse seu comportamento às instâncias religiosas superiores. O sacerdote aconselhava ao jovem e dizia-lhe que assim o fazia por piedade dele e de sua mãe, ainda que se “horrorizava [...] saber que [... ele...] negava o espírito misericordioso de Deus” (p. 490).

O temor do Padre Albino não era infundado, pois na metade do século XVII Portugal continuava a “deportar foragidos da lei e judaizantes para o Brasil” e os “bispos daqui foram autorizados a agir como comissários da Inquisição e enviavam periodicamente a Lisboa, para julgamento, pessoas suspeitas de bigamia sodomia e ação judaizante.” (p. 24 e 25).

Nuno era um agricultor e era um idealista. Tinha uma mente aberta, com filosofia religiosa e política evoluída para sua época. Diferenciava de seus vizinhos, pois sabia ler, interessava-se por estudos e era um ávido leitor. Era considerado na vizinhança como apóstata. Foi acusado de heresia, de estar metido com práticas judaicas e de sua mulher ser feiticeira. Quando questionado pelo clero, por suas sinceras respostas, foi julgado insolente, porque, segundo o inquisidor, discutia

os “altos desígnios de Deus”. Sofreu fortes interrogatórios de severos juízes preconceituosos e foi preso, torturado e levado à prisão para Portugal. Seu pai era o português João Ayres de Miranda, um dos participantes das Entradas, promovidas por Francisco Gil (p. 26).

Nuno nasceu “na verde e bucólica” Vila “que mais tarde viria a chamar-se Viana” (p. 27), em março de 1680³ e ali cresceu e viveu num ambiente de simplicidade, numa época de pobreza no Espírito Santo, devido ao Ciclo de Ouro, no Brasil do final do século XVII (p. 28)⁴:

O ouro continuava sendo o grande chamarisco em terras da região, motivo da chegada de muitos forasteiros e aventureiros que subiam pelo rio Doce e seguiam para as minas gerais. Porém, em Vitória a vida social continuava pobre, inexpressiva. O comércio fraco, o movimento insignificante.

Nuno desenvolveu a sua imaginação com as muitas histórias, inclusive as aventuras de Marco Polo, contadas pelo padrinho o alferes, quem lhe ensinou as primeiras letras e com quem aprendeu doutrinas filosóficas, religiosas e humanitárias (p. 27). E esses ensinamentos e as leituras que fez o levaram a buscar a verdade, que na sinceridade de manifestar sua inquietação, foi levado à prisão, mas o narrador onisciente, apresenta, no final da obra, a conclusão a que Nuno chegou, depois de todos os sofrimentos passados e após saber sobre o incêndio que houve em Lisboa depois do terremoto:

³ Francisco Aurelio (2009, p. 17) faz referência à fundação de Viana. “Em 1813, vieram 53 casais do arquipélago de Açores, num total de 248 pessoas que foram instaladas a cerca de 18 quilômetros de Vitória, às margens do rio Santo Agostinho, e que fundaram o atual município de Viana [...] nome dado em homenagem ao intendente de Polícia do Rio de Janeiro, Paulo Fernandes Viana que encaminhou os imigrantes àquele local.”

⁴ Idem, p. 13. [...] em 1718, a Capitania [do Espírito Santo] foi revendida à coroa portuguesa [...] haviam sido descobertos ouro e diamantes, no Brasil [...] o local da descoberta situava-se, exatamente, nas terras sertão adentro da antiga capitania dos Coutinho, o Espírito Santo. Isso aconteceu em 1693, mas em 1709 foi criada a capitania de São Paulo e das Minas do Ouro, com terras antes pertencentes àquela capitania. Por decreto real a capitania do Espírito Santo tornou-se uma barreira para proteger as minas de ouro e de diamantes e para impedir a entrada de forasteiros e inimigos de Portugal.

— Nos quatro cantos do mundo — onde está a verdade? Fui perseguido, preso, torturado [...] eu queria saber sobre a verdade. Fui torturado até quase à morte. À fadiga total. Eu queria saber sobre a verdade. Porque viam em mim um pecador. Negavam a minha verdade. Eu negava a deles, mas eram poderosos, proibiam-me de pensar e dizer. Fui torturado, precisava sofrer, diziam, para que uma luz divina iluminasse a obscuridade do meu cérebro. O sofrimento purifica afirmavam. Se não pensasse e falasse como eles, seria devorado pelas trevas do inferno.

Entretanto morreram eles esmagados, destruídos por uma força superior. Enterrados vivos nas fendas ferventes da terra, o odor tétrico das profundezas.

Cada homem é uma verdade, é dono da sua verdade. Se nos privam do nosso direito inato de pensar e raciocinar, acreditar no nosso absoluto e lutar por ele que significa viver? (p. 405-406).

A escritora, ao narrar a história de Nuno, vai preenchendo os espaços claros de um auto de fé, de 26 de junho de 1711, documento encontrado nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, sobre Nuno Alves de Miranda, preso em 6 de outubro de 1710, como ela justifica na introdução da obra.

Mesclada com a vida de Nuno, ou par a par com ela, a romancista vai-se mostrando a historiadora. Rememora fatos históricos e políticos do Brasil anterior à vida de Nuno e coetâneos dele com precisas datas e indicações de vultos históricos. Relembra o confrontamento com os holandeses e, portanto, o abandono da costa brasileira de Salvador ao Rio de Janeiro, a invasão francesa, o domínio espanhol, as implicações que teve para a economia do país; a imigração de escravos africanos, os movimentos constantes dos inquisidores de Portugal a Brasil e vice versa (p. 25), o terremoto em Lisboa e o consequente incêndio e destruição desta cidade, ocorrido em 1 de novembro de 1755 (p. 401).

Ainda que a escritora relate fatos da história do Brasil e de Portugal, principalmente do século XVIII, não é um romance histórico, pois ela não conta o que já sabemos e que pode ser encontrado em anais, crônicas ou ensaios. Ela se concentra na história da vida de Nuno Alves de Miranda, preso em 6 de outubro de 1710, da qual existe uma grande lacuna e não se encontra em livros de História de Portugal, do Brasil e do Espírito Santo. Aí está uma grande originalidade.

A História escreve a história do homem, mas a metaficação historiográfica escreve acontecimentos da sociedade e, em *ASH*, a escritora, Neida Lúcia, mantém o contexto histórico, problematiza-o, minimiza a história oficial e coloca em destaque um fato ocorrido com um réu brasileiro, e do Espírito Santo, de ascendência portuguesa, o qual se encontrava registrado em um processo, limitado em informações, arquivado na Torre do Tombo, em Lisboa, e o transforma em um romance com 406 páginas.

A escritora preencheu as insignificantes informações, imaginando situações de possíveis realizações com os “cristãos-novos”, no século XVIII como uma forma de relembrar situações ocorridas com o povo judaico “perdido por este imenso país delineado pelo Tratado de Madrid de 1750” (p. 12). Ela deu vida ao ser, imaginou um amor terno na pré-adolescência, com Raquel, “dos cabelos alourados caídos em cascatas pelos ombros” (p. 39) e um amor carnal da juventude e da maturidade com Mariana, com quem Nuno se casou, e as possíveis perguntas de inquisidores, os sofrimentos, as dúvidas do inquisitado, os amigos que o apoiaram para sair da prisão no Brasil e em além mar. Cria, para com Nuno, um ambiente de antipatia de conhecidos preconceituosos, que condenavam seu modo de pensar, que o acusavam, criando fantásticas situações que envolviam sua vida e que o levaram aos severos juízes da Inquisição no Brasil e em Portugal.

Para dar verossimilhança aos fatos narrados, a autora precisa a data de nascimento de Nuno, sua juventude e a idade que tinha quando foi preso pela primeira vez para ser interrogado por jesuítas, 22 anos. Ao indicar o local, Colégio dos Jesuítas, em Vitória⁵, na cidade Alta, faz um encaixe narrativo/histórico da reconstrução da igreja de São Tiago. À medida que o tempo vai passando na vida de Nuno, o narrador onisciente relembraria fatos históricos, mencionando vultos

⁵ RIBEIRO (2009, p. 1, “Em torno de 1730, a vila de Vitória tinha cerca de 5 mil habitantes [...]”.

históricos da época em que determinavam as datas, fundindo a vida do homem com a vida da natureza e da sociedade à qual época pertence.

Numa polifonia de vozes, a narradora, usa recursos de monólogo interior para relatar os pensamentos de Nuno (p. 40) ou de Rachel e torna a palavra interior expressiva por meio de um discurso não pronunciado e, onisciente, conhece os pensamentos dos personagens que participam de sua construção narrativa e junto com os relatos da História do Brasil, coloca outros discursos como orações (p. 109; 153), poema folclóricos (p. 191), passagens idílicas e sua destruição, numa fusão da vida humana com a vida da natureza. Apesar de esse romance não estar inserido no poético o discurso dele, algumas vezes é poético, principalmente as partes que envolvem os amores de Rachel com Nuno, o da adolescência, ou com seu amor da madurez, Pieter, por exemplo, quando o narrador conceitua o amor:

O amor acontecia dentro deles, a atração crescia num frenesi.
Quem pode marcar limites ao amor?
Quem pode desenhar os seus contornos?
Ou enumerar as suas formas?
O amor é infinito porque é a própria emanação de Deus... (p. 324).

Samuel Duarte desenvolve a história de uma família portuguesa de ascendência judaica, que imigrou para o Espírito Santo, no século XIX. Mas, entre a história e a ficção, em um tempo fantástico que retrocede e antecipa, desenvolve de geração a geração quatrocentos anos de história, o que nos faz lembrar a saga dos Buendías de *Cem anos de solidão*, de García Márquez.

O narrador retrocede a história dessa família ao ano de 1481, quando Paolo Del Pozzo, por alcunha Paolo Toscanelli, por ser de Toscana, velho sefardi, converso, que morreu em 1482, em Florença, resolve escrever a Colombo incitando-o a

descobrir novas terras para expansão da “nossa Fé” e prossegue até a América, Brasil, Espírito Santo e chega até Ariel, fantasticamente mutação de outros, e seus familiares na metade do século XX.

Toscanelli conhecia o segredo de “calcular a ladeira sem auxílio de astros ou de aparelho” método mais adiantado. Com ironia o narrador apresenta os motivos que levam o sábio a desvendar o seu segredo antes de morrer.

Apresenta o objetivo do sábio, que parece ser muito cristão, no momento em que escreve uma carta a Colombo. Inicia-a com uma saudação piedosa: “Que a Paz e a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam convosco, é o que sinceramente vos desejo” (vol. 1, p. 13). Ele se humilha, mas enaltece outros como conhcedores do mar. Esclarece que o segredo que revelava de seus conhecimentos advinha de uma revelação de Deus, “em muito boa hora”, e que revelava a Colombo o segredo “[...] de bom grado na esperança de ajudar-vos, ainda que infimamente, a realizar a tal Travessia para maior glória da nossa Fé Católica e dos Príncipes que a patrocinarem...” (vol. 1, p. 15).

Ora, a saudação cristã e o desejo de expansão do cristianismo eram uma encoberta de um sefardi. Em sua categoria de converso, com essas expressões, ocultava o seu verdadeiro sentimento religioso, mas o narrador onisciente revela, por meio do pensamento de Toscanelli, para o atento leitor, o real interesse do sábio e a sua verdadeira religião. Em suas reflexões, o sábio se revela sefardi, pois não menciona Jesus, mas “o Senhor Javé” e demonstra que deseja uma terra para seu povo perseguido, pela sorte de quem se preocupa depois da união de Fernando e Isabel, na Península Ibérica: “o destino do Povo estava selado” (vol. 1, p. 16). Na p. 27, o narrador coloca Colombo, no sul de Portugal, encontrando-se com os antepassados de Ariel, “uma chusma esquálida e miserável que se arrastava pelo caminho de Lisboa”, “gente estranha, metida em mantos pardos, de cabeças pendidas para o chão, deixando entrever, a custo, uns olhos negros e assustados”.

Inquirindo sobre as pessoas que via, Colombo teve conhecimento de que “eram judeus, os sefardins dos reinos espanhóis expulsos de suas terras por Fernando e Isabel e que vinham se homiziari em Portugal, pois o rei os acolhia, desde que pagassem a taxa de ingresso...”. Na p. 28, o narrador onisciente desvenda o pensamento preconceituoso de Colombo para com os judeus, para quem manifesta o seu desagrado: “Eles haviam matado Nosso Senhor”, e aponta sentimentos de uma alma caridosa:

Por isso, todo o mal que pudessem receber, pelos séculos afora, ainda seria pouco. No entanto, lá no fundo de sua alma bem formada e piedosa, ele não conseguia evitar um aponta bem forma da e piedosa, ele não conseguia evitar uma ponta de pena daquelas crianças maltrapilhas, a amassar a lama fria do inverno com os pés descalços e arroxeados, ou daquelas velhinhas cambaleantes, abarbadadas com fardos e trouxas, que mal conseguiam avançar em meio à tramontana rude que começava a soprar. Ele os odiava como raça, como pessoas, no entanto, se condoía deles.

Samuel Duarte, nos 60 capítulos de *AML* (2004), distribuídos em dois volumes, engendra Ariel, nascido em Marapé, ES, estigmatizado pelo mistério das asas. O personagem é um ser idealista, imaginativo, íntegro, corajoso e grande leitor que procura descobrir um enigma em sua existência. Nessa busca, ele vai captar a sua história ancestral ao mesmo tempo em que amplia, mediante o enigma do tempo, a história da humanidade, de Portugal, da Argentina, de Israel, da Itália, do Brasil, de Vitória e, principalmente, do sul do Estado do Espírito Santo (Cachoeiro do Itapemirim, Barra do Itapemirim, Marapé). Inquieto, vivencia guerras, ama e sofre.

Contudo, sua inquietação não se limita à questão do tempo proustiano da memória pessoal, ao contrário, ele amplia o horizonte para o enigma do tempo coletivo, do tempo que gira para olhar o passado, para captar o mistério de sua própria história. Em contrapartida, na busca da verdade, Ariel se aproxima da *Recherche du temps perdu*, pois ela está relacionada com o tempo e nela estão os prazeres e alegria. A sua verdade está na busca da amada na encruzilhada

entre o tempo e o espaço. É o tempo redescoberto, o tempo original, que revelará o tempo da eternidade, quando Ariel, agora Capitão Siqueira Campos, no final do segundo volume, é acossado por seus antepassados, e tem que fugir de Marapé. Ti Libânio o avisou da perseguição que o levaria à morte. Seu fim num dia em que relâmpagos anunciam a tempestade é misterioso e ocorreu quando compreendeu que não se pode lutar contra o Destino e “em paz com a vida, com o mundo [e consigo mesmo fecha] os olhos e [parte] para as Montanhas da Lua” (p. 284). Também se aproxima da *Recherche...*, pois como Proust, nas conjecturas de Samuel Duarte, não há a procura de um tempo infinito, mas um tempo entrecruzado de amores, de incertezas, de dúvidas, de lutas e de fugas. E o tempo é tudo isso, é a matéria de que está constituído Ariel, ou o próprio autor. E aquele ou este, rememora leituras de Agostinho e Kant:

Em que pese a eles provar que o passado e o futuro careciam de existência, dessa “existência” que é atributo exclusivo do “hoje”, eu acreditava, que o passado tinha existência; quanto ao futuro, concordava com eles. Passei então a me refugiar no passado, a não mais tomar conhecimento do presente do futuro. Meu tempo interior, apesar de acelerado, era o único que me interessava. No meu enorme acervo de “vivências”, eu só evocava as primeiras. E delas apenas aquelas vividas em um determinado lugar e espaço. Elas estavam tão associadas a ele que comecei a achar que poderia revivê-las se voltasse àquele “espaço”. Voltar ao passado, para mim, significava voltar a ser o que eu fora, modificar o meu “vir-a-ser”, ter uma segunda oportunidade na opereta da vida. Pois o tempo me alquebrara o corpo, atenuara meus ímpetos e aniquilara minhas ilusões mais caras. Desejaria, como Yeats, cuspir na cara daquele Tempo que me arrebatara tudo, até a fé em mim mesmo. (Vol. 1, p. 140)

Na busca da origem, um dos traços do homem, e na construção da saga de Ariel, para fazê-lo verossímil, Samuel Duarte toma como base a historicidade e um tempo que caminha do século XV ao XX, pois a vida do homem tem início muito antes dele conforme esclarece Foucault em *As palavras e as coisas* (1966): “É sempre em relação a um fundo já começado que o homem pode pensar aquilo que vale para ele como origem”.

A vida de Ariel, viajante do tempo, pode ficar inserida na temática da “Oração do tempo”, de Caetano Veloso, “Vida da Gente” (“tempo, tempo, tempo,

tempo/compositor de destinos/ [...] tempo, tempo, tempo, tempo/Por seres tão inventivo/ E pareceres contínuo/ Tempo, tempo, tempo, tempo/És dos deuses, mais lindo”), porque entre o historiográfico e a ficção, o real e o fantástico, ou maravilhoso, dentro de um tempo verossímil, Samuel Duarte, magnificamente, como Cronos, absorve o tempo, rompe com ele e o espaço num romance épico-poético, onde o leitor acompanha a angústia de um ser solitário e percebe o grande leitor que é o criador da obra.

Samuel Duarte, por meio das dúvidas, tristezas e anseios de uma vida, rememora as crises mundiais (econômica, política e social), dá ênfase ao crescimento de Cachoeiro de Itapemirim e lugares circundantes e mostra que a humanidade não aniquila nem sufoca a obra humana, mas a acompanha, pois a vida é uma maré constante entre o existir e a memória.

Em cada capítulo uma surpresa, um avançar e um retroceder no tempo e no espaço de Ariel. Seu nome decorre de uma leitura feita por sua mãe da obra *Tempestade* de Shakespeare. Essa situação climática envolverá a vida deste personagem, no mar ou na terra.

Nas citações de obras e nas intertextualidades, Samuel Duarte se vale da boca de seus personagens para demonstrar a força do passar do tempo. Com esses recursos o leitor percebe o caudal de leituras do autor. Assim, se o nome do personagem principal provém de uma obra, lida por um personagem, a mãe de Ariel, o mesmo acontece com o título da obra, que foi inspirado no poema “Eldorado”⁶, de Edgar Allan Poe, lido pelo autor. Este poema o leitor encontra

⁶ “Eldorado” de Edgar Allan Poe – Tradução de Oscar Mendes e Milton Campos: “Brilhantemente armado/ Cavaleiro loução,/ que andava ao sol e andava à treva,/ cantando uma canção/ Havia longamente procurado/ Pelo caminho que a Eldorado leva./// Mas como envelhecesse,/ do cavaleiro ousado/ A alma ficou envolta em treva,/ Por não ter encontrado/ Um lugar que, de leve parecesse/ Ser o caminho que a Eldorado leva.// E, já sem energia,/ Em seu último instante,/ Um vulto viu, feito de treva./ ‘Dize-me, ó sombra errante’ - implorou – ‘onde achar eu poderia/ Esse caminho que a Eldorado leva?’/ ‘além das Cordilheiras/ Da Lua, na amplidão/ Desse colossal Vale da Treva’/ Responde-lhe a visão/ ‘cavalga ousadamente, sem canseiras;/ Lá está o caminho que a Eldorado leva!’”.

citado, na p. 81, do 2º volume, na lembrança, um pouco destorcida de Ariel, também um grande leitor e possuidor de uma memória fabulosa.

Tanto *Tempestade* (Shakespeare, 1988) como “Eldorado” serão suportes para o desenvolvimento do teor maravilhoso-temporal que percorre o livro, na metáfora do tempo, seja nos ciclones atmosféricos e pessoais que o personagem enfrenta, seja na busca de sonhos, que as palavras de Próspero, em *Tempestade* refletem: “[...] somos feitos de mesmo material que os sonhos e nossa curta vida acaba num sono”.

Na maioria dos capítulos predomina a primeira pessoa, onde o leitor vai encontrar as experiências diretas e buscas de Ariel. E a obra, como um ouroboros — a morte e reconstrução, um círculo do eterno retorno — procura mostrar a eterna inquietação do homem. A narração inicia com a apresentação do personagem surgindo, em hora imprecisa, em São Felipe, com um anúncio de um temporal à espera de partir para uma “terra sem retorno”, em uma situação semelhante à que acontecerá no volume 2, p. 283, quando perseguido e a conselho de Libânio, voltou para o lugar em que “havia brotado”, e sob o manto negro da tempestade, “parte para as Montanhas da Lua”, a sua libertação.

Podem me chamar de Ariel; tempos atrás eu acrescentaria: “sem medo de errar”. Se hoje não acrescento é porque já não tenho certeza de mais nada. Nem mesmo por mais absurdo que isso possa parecer, do meu próprio nome.

Devem ser por volta das nove da noite e estou sozinho, sentado à porta da cabocla Delaura, a uns escassos vinte quilômetros de uma cidadezinha chamada São Felipe. Há um temporal se formando no quadrante sul. Eu o espero com uma certa impaciência, porque sei que com a sua chegada, irei embora. Para aonde? Eis algo que não sei. Porém desconfio que seja para essa terra sem retorno a que chama de Morte. (vol. 1 p. 18)

Na problemática de um indivíduo que marcha em busca de si mesmo, num processo de busca de significação, numa realidade descontínua, base da constituição de *AML*, há ironia.

Literatura e História

O romance latino-americano — insiro aqui a produção no Brasil e nos países hispânicos — nasceu comprometido com a realidade social. Nessa tendência, aparecerão narrativas com uma releitura da História que se aproximam desta quanto ao preenchimento de vazios, mas dela se diferenciam ao incluir, em sua arte, lacunas que proporcionarão uma reunião de verdades e mentiras. Como bem disse Bella Jozef, (1990, p. 33) “A arte narrativa confere uma voz ao que a ‘história negou, silenciou ou perseguiu. Com isso se estabelece uma crítica da arte e da História dentro da própria obra.”

A História, como ciência fatural, formula enunciados explicativos acerca de eventos singulares, pertencentes ao passado, com provados por documentos. A narrativa, ao contrário, não precisa de aprovação dos fatos, vê na fábula o seu principal objetivo. Na *Poética* (1989), Aristóteles diz que a poesia trata do universal, do possível, com verossimilhança e a história do singular. Segundo ele, é preferível impossível/ verossímil a possível/ incrível.

O problema central da narrativa é a causalidade. Ela responde a porquês. Finge ou dispõe de uma concatenação de motivos que propõe não discordar daqueles do mundo real, utilizando um processo mágico e lúcido. Une verdade empírica e ficção, fazendo a associação entre locução impessoal e objetiva da narração e locução interpessoal e subjetiva do discurso do narrador e dos personagens. O jogo que o discurso narrativo faz entre verdade e mentira não deixa de ter o apoio da *Poética* de Aristóteles, que apregoava que o ofício de poeta não é o de contar as coisas como sucederam, mas como desejaríamos que tivesse acontecido. O narrado consiste, na concepção de Eco (1997), em muitas possibilidades interpretativas, de maneira a induzir o receptor a uma série de “leituras”. Pois uma obra pode nos levar a tendências de um presente de uma determinada cultura e de um período.

A História tem uma dupla função: uma edificante, de fins pedagógicos e outra lúdica, devido à sua capacidade de contar histórias, estimulando a imaginação, e ao seu caráter lúdico. Neste aspecto se aproxima da Literatura e a ela serve. Esta toma daquela os elementos que lhe dêem um aspecto verossímil para melhor expressar sua cosmovisão. O verossímil é o termo médio entre falsidade e verdade. Platão, em *Fedro*, diz que a verossimilhança domina o espírito pela semelhança que tem com a verdade.

A História é a ciência do passado e possui o conhecimento de certa realidade. Ela reconstrói imagens plausíveis. Segundo Cervantes (*Dom Quixote*, vol. 2, cap. II), o historiador é um “sábio nigromante”, pois para ele “nada se encobre quando quer escrever”. O historiador procura compreender o remoto, reanimando-o, reconstruindo-o por via indireta. Ele parte de um texto visível e faz dele uma tradução. No seu discurso, há impressões possíveis, pois busca a fidelidade de uma longínqua época, a que quer resgatar, e, ao aproximar-se dos pensamentos de homens do pretérito, varia de ponto de vista de acordo com a época em que ele próprio se situa, pois não encontra da outra a sua “tradução”. Assim, por exemplo, a visão do Descobrimento da América não é a mesma nos vários séculos em que foi explicada essa peripécia histórica.

Por outro lado, no historicismo, o ponto de vista do escritor está nos fatos petrificados e se põe a classificá-los e as coisas que os compõem, sem levar em conta o processo social contínuo de transformação. Ele se contenta em fazer um nexo entre vários momentos da história. Analisa os fatos passados, mas vendo-os à luz do presente, como um sempre igual, um eterno presente. Essa é uma concepção linear que aparece nas teses sobre Filosofia da História e que tece considerações sobre a história dos vencedores opondo-se à dos vencidos, baseada na ruptura e não na continuidade.

Os escritores recorrem à História, ao referente real, nosso mundo com existência própria fora do texto. Reescrevem a história dando-lhe uma individualização estilística própria de cada recriador, torna-a a imagem de um mundo construído pelo texto, fornecendo-lhe um ambiente verossímil capaz de causar um efeito de realidade, ou não, por meio de técnicas adequadas. O texto produzido remete ao mundo “real” e a outros escritos que são decifrados pelo leitor e que intervirão na compreensão e na interpretação que ele terá.

As fronteiras que separam a História da Literatura são influenciáveis. Elas se rompem para adquirirem pontos em comuns. Mas o jogo verdade/mentira surge em relatos como, frequentemente aparece no *Quixote*. Desde o prólogo da primeira parte, quando o narrador/autor classifica a história do “famoso” Dom Quixote de la Mancha como “sincera” e “verdadeira”, os três atributos são falsos, tanto o do cavaleiro, como o da sua história. E, segundo Platão (*Fedro*, p. 182), um discurso escrito, não importa qual seja o assunto, contém grande número de fantasias.

O questionamento falso e verdadeiro no *Quixote* se refere à narrativa e também à loucura do personagem. Há sempre alguém testando a sanidade do herói. Há explicação da realidade/ ficção entre os próprios personagens julgando outros de falsos/ verdadeiros, como faz Dom Quixote, o personagem central, explicando a verdade da existência dos cavaleiros andantes. Sem dúvida, Cervantes põe em questão dois pontos inerentes à narrativa: histórias são formas de linguagem. Pois tanto a história quanto a ficção ao se fazerem, estabelecem uma relação espaço-temporal entre fatos empíricos e efeito do real. Ambas selecionam, reúnem e organizam matérias diversas para produzir uma narração. Em fim a História serve à Literatura e esta toma daquela os elementos que lhe dêem um aspecto verossímil para melhor expressar sua cosmovisão. Pois o que se perdeu na História só pode ser encontrado na ficção. Esta entretém, mas nesse papel leva os leitores a analisar a versão dos fatos dados pela História e, como acima dissemos, preenche os vazios deixados por aquela. Na “verdade” da arte, a

realidade externa é irrelevante, pois ela é a criadora de sua “realidade”, enquanto a “verdade” da história se encontra em “realidades” externas completas e profundas, tendo em vista a reprodução da realidade absoluta de fatos do passado.

Sobre a “verdade” de a realidade da fábula conter elementos inerentes do criador, Unamuno (1989 p. 128-129; 193) escreve que tudo o que se escreve tem um caráter autobiográfico. Todo o ser criado, todo personagem, faz parte do autor que o criou: romances, poemas, os vultos históricos que o historiador descreve, a imprecisoalidade é uma mentira. Para ele os grandes historiadores são autobiógrafos, pelo amor e admiração que consagram na descrição dos personagens históricos. Quando lemos não separamos um personagem de um autor, os dois adquirem realidades. O leitor se faz autor. Quando alguém lê um romance se torna romancista. Quando o homem lê história, é historiador. Ele é leitor, autor do que lê e está lendo. Todos os personagens são o próprio criador. O leitor penetra no pensamento alheio e o torna próprio dele, ele transforma-o em sua própria verdade. “Y jamás se ha sentido Dios más creador, más padre, que cuando murió en Cristo, cuando en él, en su Hijo, gustó la muerte” [...].

Pelo exporto pode-se concluir que tanto em *ASH* quanto em *AML* há verdades e mentiras, há fantasias e peculiaridades pessoais dos autores em suas respectivas obras.

Quanto ao discurso, a História e a Literatura diferem, na medida em que o discurso histórico possui *shifters* de escuta (Barthes, 1987) como elemento testemunhal, tais como “ouvi dizer”, “tanto como sabermos”, etc., ao nível da língua, o literário só o coloca para conseguir o verossímil, logo ao nível do narrado. O discurso histórico, além do acontecimento relatado, menciona, ao mesmo tempo, o ato informador, a fala do enunciante que a ele se refere e os *shifters* de organização; quando este organiza o seu próprio discurso, retoma-o numa palavra, por exemplo, “sobre ele não diremos mais”, “como dissemos

acima". Estes *shifters* trazem a ficção dos tempos da enunciação e da matéria enunciada, que dá lugar à aceleração da história com uso de número igual de "página" para espaço de tempo variado. Esse *shifter* incide no processo de enunciação.

O historiador parte dos materiais históricos, das fontes, e não dos fatos. Com estes vai construindo os acontecimentos históricos, à medida que vai selecionando o material pesquisado. De acordo com o critério de valor, vai elaborando fatos e reconstruindo o passado com base no que ele considera de importância na contemporaneidade histórica que objetiva contar. Entretanto o discurso da literatura se prende à consciência estética e à concepção de literatura presente naquele momento, na realidade em que o autor vive ou que é relatada. Isso permite ao escritor, de acordo com o seu ponto de vista, responder artisticamente aos problemas dessa realidade e reproduzir um discurso específico desta, não dos acontecimentos "efetivamente vividos", mas dentro das possibilidades humanas, tendo como base uma determinada realidade histórica: tanto a atual, na qual o escritor, inclusive, está inserido, como, a partir da atual. Também possibilita a quem escreve apresentar possibilidades humanas do passado, com a finalidade de desenhar a perspectiva de uma existência e não a realidade de uma sociedade como faria a História. A ficcionalização da história, realizada pelo romance, admite a reescrita e a ressignificação de fatos que configuram a história do país, reinserindo-a, no concerto dos discursos que projetam múltiplos olhares sobre os referentes históricos do passado e do presente, mantendo sempre um distanciamento crítico tanto em relação aos intertextos quanto ao que tange suas próprias formulações.

A História responde às exigências de autenticidade como ciência; e a narrativa literária, a autenticidade como verossimilhança, além de apresentar correlação com o gênero e com o sistema no qual e com o qual está em analogia.

Na segunda parte do *Quixote* (1978, capítulo II, p. 326), em um diálogo com o bacharel Sansón Carrasco e Dom Quixote, Cervantes explana sobre verossimilhança, ao dizer:

(...) para compor histórias e livros, de qualquer gênero que sejam, é mister grande juízo e maduro entendimento; dizer graças e escrever donaires é de altíssimos engenhos. A mais discreta figura da comédia é a do povo, porque precisa de o não ser quem quer fingir de tolo. A história é como que uma coisa sagrada, porque tem de ser verdadeira, e onde está a verdade está Deus enquanto verdade; mas, não obstante, há pessoas que compõe e produzem livros como quem dá "pihitos" (bolinhos fritos).

Sendo a História uma construção discursiva e simbólica, cabe ao leitor produzir o seu sentido, preencher os silêncios dela, fazendo-os o mais verossímil possível em relação ao ponto de observação em que se situa, pois a verdade da história é o que se julga ter acontecido e não o que sucedeu, segundo Borges. (*Ficciones*. p. 57). E é à História, "as coisas reais", que os leitores/ autores recorrem para dar voz aos oprimidos, marginalizados, "às pequenas coisas" silenciadas pelos cronistas/ historiadores, já que "[...] estão feitas de matéria ou de energia" [...] porque as "coisas artísticas são — como o personagem dom Quixote —, de uma substância chamada estilo. Cada objeto estético é individualização de um protoplasma — estilo. Assim o indivíduo Dom Quixote é um indivíduo da espécie Cervantes." (ORTEGA Y GASSET, ibid. p. 58).

Depois desta explanação e, a partir dos conceitos comparativos apresentados entre o texto histórico e o texto ficcional, passo a falar sobre o caminho percorrido pela imaginação dos autores de *ASH* e *AML*, sobre a diáspora judaica.

A Saga dos Judeus da Península Ibérica ao Espírito Santo

Na história do povo judaico encontram-se menções de muitas perseguições em épocas e terras diversas. Muitos foram oprimidos e, em muitos lugares antisemitas, tentaram eliminá-los, por expulsão ou genocídio. A história da

perseguição, que resultou num massacre de judeus, não mencionando o tempo a.C., mas os primeiros anos d.C., começa na Primeira Cruzada, prossegue na Inquisição espanhola e na portuguesa, com as perseguições e autos-de-fé contra os cristãos novos e marranos; os massacres cossacos na Ucrânia, as perseguições na Inglaterra, na França e na Alemanha; para atingir o ápice com Adolf Hitler, no século XX.

E o narrador de *AML* relata acontecimentos fatais, em Portugal, para os judeus, que afetaram a vida de antepassados de Ariel:

Dom Manuel promulgou, em dezembro de 1496, a lei que obrigava os judeus a deixar o país no prazo de dez meses sob pena de morte e de confisco, e lhes indicou o porto de Lisboa como única saída possível. Somente os mais ricos o fizeram. Embarcaram com todos os seus haveres para a Holanda ou para os reinos mouros da África do Norte, da Turquia, nos quais — coisa inaudita — eram mais bem tratados que em terras ditas cristãs. Os mais pobres se desesperavam quando o rei, vendo escapar-lhe fortunas inteiras e a morte a levar-lhe a sanguinária espanhola, teve um assomo de sensatez, voltou atrás e promulgou outra lei proibindo-lhes a emigração e obrigando-os a aceitar o batismo cristão ou a enfrentar a pena capital. Sentira a pressão da Contra-Reforma a exigir que todos os reinos convertessem imediatamente os seus cidadãos mouros e judeus. Logo depois, continuando seu acesso de lucidez, baixou leis de proteção aos neoconvertidos e proibiu qualquer inquirição sobre seu passado religioso. Surgia a figura do “cristão novo”.

Era tarde, porém. Por toda Europa, a segregação começava. Apareceram os primeiros guetos. O espírito dos “pogroms” medievais revivia. A plebe, possuída por um catolicismo fanático e primitivo, acostumara-se a pôr nos judeus a culpa por sua miséria e infelicidade. Apareceu a figura do “marrano”, do cristão de fachada e judeu na intimidade do lar. Nem esses, porém, estavam a salvo do ódio da populaçā. E bem antes de João III e do Santo Ofício, ocorreu o massacre

de 1506, página negra da História Portuguesa. O rei mandou punir os responsáveis e até 1536, com o advento da Inquisição em Portugal, os cristãos novos desfrutaram de um pouco de paz, exceção feita às costumeiras demonstrações de intolerância por parte dos cristãos velhos.

Por essa época, após passarem por alguns dias em Lisboa, os Elazar, retornaram a Torres Vedras dizendo-se batizados e com nomes cristãos. [...]" (DUARTE, S., 2004, v, 1, p. 50-51)

Quanto ao povo, é heterogêneo, devido às suas migrações e permanências entre povos variados. Por isso tem um alto índice de miscigenação, possuindo traços típicos de diferentes povos.

Tanto na Espanha quanto em Portugal, e por extensão no "Novo Mundo", de hoje, existem pessoas que trazem no sangue um pouco do gene judaico, apesar de terem dificuldade de detectar seus próprios ancestrais.

Os judeus chegaram ao sul da Península Ibérica, antes de Cristo, junto com os fenícios, no tempo do rei Salomão. No período do Império Romano a emigração judaica chegou até os territórios de Portugal de hoje. Fatos catastróficos, como os incêndios ocorridos em Jerusalém nos anos 70 e 135 d.C., contribuíram para o êxodo do povo judaico que teve na "Hispania" um bom acolhimento. Ali cresceu e prosperou até o século XI e XII. Vestígio de suas culturas se encontra na literatura espanhola nascente e em documentos. Sua influência se projetou na etnia e nos aspectos culturais, políticos e sociais.

Os judeus pagavam caros tributos para terem seu estilo de vida aparentemente tranquilo. Pagavam também altas taxas nos empréstimos compulsórios e, sobretudo, em impostos sobre gados, pastagem, colheitas, mercadorias, animais abatidos, etc. Além disso, eles tinham que zelar e cuidar da estrutura local, como construir pontes e abrir estradas. Muitos trabalhavam em diversos ofícios como alfaiates, sapateiros, ourives, tecelões, funcionários públicos, médicos, etc. Sua prosperidade levou-os a criar um banco para empréstimos.

Na área peninsular os judeus e seus descendentes foram levados a abdicarem do judaísmo e a se converterem ao catolicismo para poderem lá permanecerem e, nos finais do século XV, tornaram-se sob a jurisdição da Inquisição, introduzida na Espanha (Castela) no final do século XV e em Portugal em 1536, controlados em sua sinceridade de fé católica. E o narrador de *AML* conta esse procedimento acontecido com os antepassados de Ariel depois do batismo, com o esclarecimento que o patriarca dos Elazar dá aos filhos revoltados com essa imposição:

[...] o Deus dos cristãos e o nosso Javé são a mesma Pessoa porque não há, na eternidade, uma profusão de deuses, um para cada raça. Se ele nos parece rancoroso e cruel, é porque os cristãos o imaginam assim e, em Seu nome, fazem todas as más obras possíveis. Quanto a vergarmos de joelhos às suas imagens, é coisa que jamais faremos e que eu não exigirei de vós. Nem que façais o renegado sinal-da-cruz. Porque, vê bem, se o profeta Joshua houvesse morrido na forca, haveria sentido em se fazer o “sinal da forca”? Como vês, é um costume que carece de mais elementar bom senso. Além disso, seremos cristãos para o exterior, para fora de casa. No recesso do lar, no fundo do coração, continuaremos a servir Javé que, na sua infinita misericórdia, perdoará o pequeno embuste que empregaremos para salvarmos o nosso corpo. O corpo é o templo da alma. Urge preservá-lo [...]. (DUARTE. S. 2004, v. 1, p. 53).

No mundo ibérico dos séculos XVI, XVII e XVIII, todos os judeus remanescentes, os clandestinos, tinham que disfarçar as suas práticas e seus sentimentos religiosos. Vistos como o diferente, por sua peculiar cultura, tradição e costumes guardados pela Torah. Ocidentalizados, tornaram-se os sefarditas e mais tarde adquiriram o nome pejorativo de “marranos”.

Os descendentes dos judeus convertidos nem sempre se mantiveram fiéis ao judaísmo e não eram considerados por outros, como judeu. Mas estavam sujeitos a diferentes formas de discriminação por causa da sua “impureza de sangue”, e suspeitos em matéria de fé. Em obras cervantinas, como o *Retábulo das Maravilhas* e *Dom Quixote*, podemos detectar a presunção de provar a “pureza de sangue”. Mas muitos cristãos-novos, falsamente foram acusados, por inimigos ou rivais, da prática secreta de ritos e cerimônias judaicas, aparecendo como

“judaizantes” nos registros da Inquisição. E os procedimentos desta eram tais que um cristão-novo falsamente acusado de reversão ao judaísmo dificilmente conseguiria provar sua inocência. De resto, a tentativa de fazê-lo era tão arriscada que muitos preferiam oferecer aos inquisidores uma confissão falsa, incluindo uma lista imaginária dos seus cúmplices. Podiam, assim, ter alguma esperança de se livrarem do cárcere apenas com o confisco dos seus bens e outras penas relativamente menores, em vez de serem condenados à morte como *negativos*. Em tais circunstâncias, nem as confissões relativas às próprias crenças ou práticas judaicas, nem as informações fornecidas a respeito de outros cristãos-novos poderão, *a priori*, ser consideradas fidedignas. Havia cristãos-novos ibéricos que mantiveram, clandestinamente, um pouco de sua prática religiosa judaica.

Mas as mesmas acusações eram dirigidas contra os descendentes desses conversos que, apesar de terem sido batizados como católicos, eram suspeitos de terem sido educados em segredo como judeus, de se manterem fiéis à “Lei de Moisés” e de praticarem ritos e cerimônias judaicas. Nesses casos, considerava-se o comportamento uma apostasia e podiam ser punidos pela Inquisição como hereges e, muitas vezes como bruxos e feiticeiros. Foi, precisamente, a necessidade de perseguir e extirpar tal heresia entre os cristãos novos que serviu de justificação para a instituição da Inquisição.

O narrador de *ASH* destaca situações em que causas de calamidades públicas ocorridas por efeitos da natureza e por enfermidades epidêmicas eram julgadas efeitos de bruxarias:

A gente do lugar levou o caso às autoridades eclesiásticas que resolveram interrogar as mulheres. Genoveva negou nenhuma participação na catástrofe, chorando muito e Manuela desmaiou, depois de negar veemente a responsabilidade pelos acontecimentos. [...] as duas foram trancafiadas, sem comer, nem beber, em celas diferentes [...] (p. 181)

Neste sentido, todas as relações entre a Inquisição e os judeus eram conflituosas, de tanto aqueles que claramente se mostravam judeus, como aqueles que mantinham a prática religiosa clandestinamente.

Sobre esse aspecto tanto em *ASH* como em *AML* esse aspecto é mostrado. Porém no primeiro romance, *ASH*, há maior dramaticidade, nas perseguições e fugas, nos esforços dos amigos para libertar o acusado, que procura tão somente a verdade. As situações de prisão e interrogatórios ocorrerão no Brasil, iniciando-se o processo em Vitória, ES. Mas a continuidade desse processo ocorreu em Portugal, ficando reservado à Holanda o ponto de salvação. Quanto ao segundo, *AML*, o drama da perseguição e fuga ocorreu em Portugal, no século XV, mas é no século XX que, no interior de Ariel, se encontra a busca de identidade. Assim, batizados, os Elazar se tornaram Oliveira. O avô de Ariel veio para o Brasil no Lidor, e depois de um naufrágio, chegou à Barra de Itapemirim até chegar a Cachoeiro. Mais tarde, estabeleceu-se em São Filipe (Marapé) onde nasceu Ariel e onde ocorrerão atuações de personagens que são como antecipações e continuações dele.

Os romancistas conseguem criar para o leitor um mundo fictício num mundo real com diáfanos limites, proporcionando um mundo real completo e consistente.

Em *AML* não há delimitação de fronteiras entre fictício e não fictício que se desenvolvem ao longo dos variados tempos e se fazem presente na existência do ser Ariel. Em *Confissão* (XI, 15, 20) Agostinho explica que os tempos, sucessão contínua de instantes individuais, são três: o presente dos fatos passados (memória), o presente dos fatos presentes (visão) e o presente dos fatos futuros (a espera) que existe na alma, logo memória e espaço estão dentro do tempo.

Cada romance é um plano ideal. O mais frequente do romance *ASH*, de Neida Lúcia Moraes, é o emprego do tempo linear, dispondo paralelamente o tempo do relato e o da história ordenados de acordo com a sucessão cronológica. Enquanto em *AML* Samuel Duarte adota o emprego de um tempo subjetivo dando oportunidade a que o leitor reconstrua o tempo efetivo em que aconteceram os

fatos. A história de Samuel é atemporal. Diferentes acontecimentos ocorrerão em tempo e lugares múltiplos. Os níveis temporais se entrecruzam uns com os outros e com olhares para trás para levar o leitor a percorrer a dinastia judaica até Ariel. Há um relato básico, nascimento de Ariel, em Marapé (São Filipe), identificação de seus pais e morte da irmã, mas esta história se mescla com outras que indicarão a eternidade do personagem que, num renascer mítico, mutante, guerreiro, furioso, como uma tempestade no alto mar, busca incansavelmente, o “caminho que a Eldorado leva”.

Enquanto a analepsa da narrativa de Neida Lúcia Moraes serve para compreender melhor o momento histórico passado, para chegarmos a compreender a época em que viveu Nuno, a da Inquisição, no Espírito Santo, no Brasil e em Portugal e a situação da Holanda, na acolhida aos judeus, para onde Nuno, ao fugir da prisão de Lisboa, foi viver e passar o final de seus dias com Mariana, a mulher amada.

Logo de Portugal ao Espírito Santo percorrem as dinastias dos Elazar, batizados Oliveira, e dos Ayres de Miranda. Estes, a partir de uma vida idílica, laboriosa, em uma vila nos arredores de Vitória, ES, tomados pelo sofrimento, exilaram-se na Holanda. Aqueles se dividiram em os que permaneceram em São Filipe e, Ariel, misteriosamente desaparecido, ou melhor, exilando-se em As Montanhas da Lua.

Referências

JOZEF, Bella. Literatura e História: um diálogo de texto. In: *Revista América Hispânica*. Ano III, jan./jun., Rio de Janeiro: SEPHA Fac. de Letras /UFRJ, 1990. p. 33.

ARISTÓTELES. *Poética*. Barcelona: Edimusa, 1989.

BARTHES, Roland. O discurso da história. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 121-120.

- BORGES, Jorge Luis. *Inquisiciones*. Madrid: Alianza, 1985.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- DUARTE, Samuel. *As Montanhas da Lua*. Cachoeiro de Itapemirim: Gracial, 2004, 2 vol.
- ECO, Umberto. *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70, 1966.
- GUIMARÃES, Marcelo M. *A Presença dos Judeus na Península Ibérica*. Disponível em: http://www.anussim.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=17&Itemid=27
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo. História. Teoria. Ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- MORAES, Neida Lúcia. *À Sombra do Holocausto*. São Paulo: Lisa Livros, 2010.
- ORTEGA Y GASSET. *Meditaciones*. Madrid: Revista de Occidente, 1966.
- ORTEGA, KANT, HEGEL, SCHELER. Madrid: Alianza, 1982.
- OLIVEIRA, Ester. Ema, la cautiva. *América Hispânica*, ano 3, jan./jun. 1990, p. 75-90. Rio de Janeiro, SEPRHA.
- OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. História na Literatura: realidade ou ficção. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*. n. 50 (junho de 1998). Vitória: IHGES, 1998, p. 226.
- PLATÃO. *Diálogos*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d.
- ROWLAND, Robert. *Cristãos-novos, marranos e judeus no espelho da Inquisição*. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi20/topoi20_12tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf
- RIBEIRO, Francisco Aurélio. *Os povos que formaram a minha terra*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2009.
- SHAKESPEARE, William. A tempestade. In: *Obra completa*. Nova versão anotada de F. Carlos de Almeida et. al. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1988, 2 vol., p. 911-964.
- UNAMUNO, Miguel. *San Manuel Bueno, mártir. Cómo se hace una novela*. Presentación de Paulino Garagorri. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

ISSN 1981-9528

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO ESPÍRITO SANTO



67

R. IHGES, Vitória, n. 67, p. 9-307, 2012

A SAGA DE JUDEUS NO ESPÍRITO SANTO — HISTÓRIA E
FICÇÃO SE MÉSCLAM NOS SONHOS DE
NEIDA LÚCIA MORAES E SAMUEL MACHADO DUARTE

Ester Abreu Vieira de Oliveira*

Resumo: A partir dos romances *À Sombra do Holocausto*, de Neida Lúcia Moraes, e *As Montanhas da Lua*, de Samuel Machado Duarte, escritores capixabas, procura fazer um breve estudo da identidade e da diferença entre Literatura e História e falar sobre as diásporas judaicas, os percalços desse povo para conservar o seu estilo de vida e religião e, oriundo de Portugal, mencionar a sua presença no Espírito Santo.

Palavras chave: Literatura/História. Saga de Judeus. Espírito Santo. Neida Lúcia. Samuel Duarte.

Resumen: A partir de las novelas *À Sombra do Holocausto*, de Neida Lúcia Moraes, y *As Montanhas da Lua*, de Samuel Machado Duarte, escritores "capixabas", busco hacer un breve estudio de la identidad y de la diferencia entre Literatura y Historia y hablar a respecto de las diásporas judaicas, los percalzos de ese pueblo para conservar su estilo de vida y religión y, oriundo de Portugal, nombrar su presencia en Espírito Santo, oriundo de Portugal.

Palabras clave: Literatura/Historia. Saga de Judíos. Espírito Santo. Neida Lúcia. Samuel Duarte.

Una literatura difiere de otra, ulterior o anterior, menos por el texto que por la manera de ser leída, si me fuera otorgado leer cualquier página actual — ésta, por ejemplo, — como la leerán el año dos mil, yo sabría como será la literatura el año dos mil. Jorge Luis Borges (*Inquisiciones*, p. 158)

* Professora Doutora em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas, Pós-Doutora em Teatro Contemporâneo Espanhol, Mestre em Língua Portuguesa. Membro do Colegiado do PPG/LETTRAS/UFEs, Membro das academias: AESL e AFESL, da APEES e do IHGES, entre outras instituições culturais.

R. IHGES, Vitória, 67 : 143-171, 2012

143

Capa da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo* e a primeira página do artigo "A saga de judeus no Espírito Santo – História e ficção se mesclam nos sonhos de Neida Lúcia Moraes e Samuel Machado Duarte", de Ester Abreu Vieira de Oliveira.